

# ZONA DE BATALHA: OS SENTIDOS DA PROSTITUIÇÃO

*Benjamin Rodrigues Ferreira Filho*<sup>1</sup>

**RESUMO:** Neste artigo, parte-se de uma discussão geral sobre a categoria “trabalho”, da leitura do conto ‘Lúcia McCartney’, de Rubem Fonseca, e das letras de algumas canções, para se discutir a prostituição, os preconceitos contra as meretrizes, os estereótipos degradantes presentes nas representações sociais da mulher prostituta e a dimensão do comércio sexual nas sociedades. Dadas as circunstâncias que historicamente envolvem a prostituição, quais os sentidos dos negócios sexuais?

**PALAVRAS-CHAVE:** Prostituição, trabalho, sociedade.

**ABSTRACT:** This paper brings out a general discussion about the category “work” in the story of ‘Lúcia McCartney’ tale by Rubem Fonseca, and the lyrics of some songs. It discusses the prostitution, preconceptions against the prostitutes, stereotypes present in the social representations of the prostitute woman and the dimension of the sexual commerce in the societies. Based on the circumstances that historically involve prostitution, which are the meanings of the sexual trade?

**KEYWORDS:** Prostitution, work, society.

---

<sup>1</sup> Doutor em Ciência da Literatura, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); professor de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira no IFMT – Campus Cuiabá. E-mail: benjamin.vix@terra.com.br.

Há muito tempo que a necessidade, ou melhor, a obrigatoriedade de se produzir, conservar, defender e ampliar as riquezas exige das sociedades as árduas atividades do trabalho<sup>2</sup> (porém a exigüidade da pobreza também tem sua importância). A relação imediata entre trabalho e sobrevivência, por sua vez, torna-o individualmente indispensável. Apenas as pessoas fisicamente imaturas podem escapar de seu circuito – contudo não constitui nenhuma novidade o emprego de crianças em atividades laborais e nem mesmo a escravidão infantil. Somente o trabalho garante a manutenção da vida. Mesmo o ócio privilegiado, ou a improdutividade, ou a “invalidez” de alguns são estados de coisas que devem ser garantidos pela diligência de outros, ou pela previdência, ou por qualquer forma de garantia material, por mais precária que seja.

A sobrevivência depende do trabalho. Se não fosse uma questão de vida ou morte, seria simplesmente cômodo evitar o trabalho (pelo menos em seu sentido institucional). Mesmo “malandros” e “vagabundos”, que tentam fugir da opressão do trabalho, de alguma forma se relacionam com suas galas e migalhas. E não é difícil ouvir de “bandidos” que, no desempenho de suas funções criminosas, estão fazendo seu trabalho. Em *Os trabalhos e os dias*, Hesíodo (1991, p.25) assinala a relação entre trabalho e provisão e afirma que os deuses ocultam aquilo que é vital para os homens, impossibilitando, assim, que eles só trabalhem um dia, para a sua manutenção imediata ou para garanti-la por algum tempo, e em seguida fiquem ociosos. Sem considerar os deuses (ou os demônios), já em Hesíodo (que viveu, provavelmente, nos séculos VIII-VII a. C.), pode-se verificar a idéia de que aquilo que é vital não é facilmente acessível e sua obtenção requer, portanto, trabalho; vê-se, também, aí, o trabalho sobretudo como condenação.

A força e a energia que são movimentadas para a realização do trabalho garantem, afinal, a provisão do indivíduo. Trabalha-se para sobreviver. Em que, propriamente, se constitui o trabalho, seu grau de dignidade ou de degradação são coisas que, sempre, em maior ou menor

---

2 A Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) lança uma boa contribuição para a visão panorâmica dos problemas relacionados ao trabalho com a publicação do livro *Dicionário crítico sobre trabalho e tecnologia*, organizado por Antonio David Cattani (2002).

grau, importam menos que o simples fato de haver o trabalho útil garantido e, assim, o salário para a manutenção, própria e dos dependentes.

Uma vez necessário sujeitar os trabalhadores às condições de trabalho, algumas medidas devem ser tomadas para justificar, para validar as difíceis circunstâncias da zona de trabalho e fazer os trabalhadores (e também os atores sociais, de modo geral) aceitarem e mesmo incorporarem a situação a que estão submetidos como se fosse algo “natural”. Assim, uma das verdades estabelecidas nas sociedades atuais é a de que a própria condição do sujeito é o resultado daquilo que ele produziu; ou seja, no contexto da liberdade de mercado, o trabalho constituiria o sujeito, o “ser” (basicamente definido pela propriedade e pelo *status*) e o “sucesso” só dependeria do empenho de cada um. O trabalho é um imperativo universal e o ser humano, “mais” do que um sujeito transcendental, seria, no mundo dos negócios, uma espécie de categoria de investimento (“empresa”, “empreendedor”, “acionista” – ou as próprias “ações”, ou o próprio “capital”) que dependeria fundamentalmente da “autogestão” e da inteligência estratégica para sobreviver no mercado.

Em *Microfísica do poder*, especialmente em ‘Verdade e Poder’ e ‘Soberania e Disciplina’, Michel Foucault (1999, p. 12; 180) retira a verdade de um mundo metafísico e superior e a coloca no domínio – baixo – da intriga, do poder e da dominação; a verdade, para Foucault, é produzida e, por sua vez, produz efeitos de poder; segundo ele, assim como somos obrigados a produzir riquezas, somos obrigados a produzir verdades. As verdades de mercado que guiam os sujeitos – ou melhor, os “investidores”, “consumidores”, “colaboradores”, “clientes” e a fauna toda da visão administrativa da vida – são inúmeras e estão em permanente transformação; cada tendência traz os seus próprios totens e a reconfiguração é uma constante.

A idéia de trabalho está diretamente ligada ao dispêndio de energia e ao uso de esforço físico e mental direcionados à realização de objetivos específicos. O mundo do trabalho é bastante amplo; pode envolver pessoas, animais, máquinas, aparelhos, ferramentas. Transformação da natureza, produção de bens, prestação e manutenção de serviços, administração, contabilidade são algumas linhas de ação de uma rede

de múltiplas e variadas atividades, em que se distinguem campos como indústria, comércio, transportes, agricultura e mais uma infinidade de conjuntos de serviços, ações, mecanismos, divisões, relações, funções.

Como a sociedade é extremamente “produtiva”, a “produção”, seja lá de que, demanda trabalho; e como a sobrevivência, de quem quer que seja, também exige trabalho – eis dois eixos que obrigam todos a obedecerem a uma lógica inexorável. Hoje (e já há algum tempo) o trabalho, geralmente, está ligado a uma obrigação de que se tem que dar conta e não se subordina a uma escolha própria, mas a uma oportunidade que não se pode querer ter o despropósito de dispensar, como no “sonho de consumo” transmarxista imaginado por Zeca Baleiro (2002)<sup>3</sup>:

Eu despedi o meu patrão  
desde o meu primeiro emprego  
trabalho eu não quero não  
eu pago pelo meu sossego  
ele roubava o que eu mais valia  
e eu não gosto de ladrão  
ninguém pode pagar nem pela vida mais vazia  
eu despedi o meu patrão.

Trabalha-se para a manutenção da vida, mas o trabalho em si pode ser o mais desgastante, enfadonho, insalubre, irritante, salgado e aviltante. Muito raramente se trabalha para o desenvolvimento das próprias potencialidades e com bem-estar; trabalha-se no primeiro emprego que aparece, num contexto em que o desemprego ameaça. E, afinal, o que se produz? Qual o resultado prático, enfim, do trabalho?

A produção, pelo que está historicamente posto, leva, fundamentalmente, à destruição sistemática da natureza, vista apenas como “recurso”. Como resultado prático do trabalho, desde a Revolução Industrial, uma

---

**3** A partir deste ponto, com a canção anarcotrabalhista “Eu despedi o meu patrão”, cria-se, intencional e virtualmente, um fundo musical que acompanhará o percurso do leitor ao longo do artigo e... da visita ao bordel aqui empreendida.

lenta degradação ambiental vem despontando juntamente com a economia. Hoje, a bomba atômica e os efeitos mais nefastos do engenho humano já indicam claramente que nós, animais racionais, trabalhamos para arrasar o mundo. Do século XIX até aqui, fomos bastante lentos em nosso propósito. De hoje em diante, seremos muito mais eficientes e rápidos.

No vasto mundo do trabalho, as pessoas, em troca de alguma remuneração, ou de alguma retribuição, ou de certos privilégios, ou de pagamento em bens, são levadas a inserir o próprio corpo no cerne da maquinação produtiva. Todo trabalho pressupõe o uso do corpo. Mas há casos em que – multiplicam-se os motivos, mas por uma questão de sobrevivência ou até de luxo – o corpo e a intimidade são usados para oferecer serviços. Há pessoas que oferecem o sexo como força de trabalho.

É dentro do turbilhão econômico que a prostituição mostra a que veio. Numa sociedade que exige realização material, nos círculos da competição e da busca de realização pessoal, eis que a energia fisiológica humana, um capricho da natureza, gera todo um mercado.

O sistema da prostituição é um sistema de trabalho. Podem incidir sobre a prostituição as piores qualificações, porque é uma atividade das sombras, de um domínio ambíguo e perigoso, sistematicamente usado e explorado, mas ao mesmo tempo evitado, por ser degradante e até criminoso. Porém a forma como a prostituição se realiza é sempre análoga (ou, em sentido mais preciso, idêntica) ao modo de organização do trabalho legal, das empresas e das instituições, com suas regras e sua lógica. A comunicação entre a prostituição (atividade discriminada) e os campos de ações da sociedade considerados como “dignos”, “honestos”, “legítimos” estabelece, em todo caso, mais que uma proximidade, um vínculo.

No conto “Lúcia McCartney”, de Rubem Fonseca – que está no livro de narrativas publicado em 1967, que também tem o título *Lúcia McCartney* –, pode-se encontrar, para uma reflexão sobre o problema, graves, grávidas questões sobre o mundo da prostituição.

As informações, no conto, são fragmentadas e muitas vezes incertas. Lúcia, a protagonista, uma moça de dezoito anos, adora os Beatles e, por isso, em determinado momento, chega a adotar o nome de Lúcia

McCartney. Seu gosto musical e seu nome “artístico” são indicadores da popularidade e da expansão mercadológica (que até hoje existem) do grupo de Liverpool. A própria Lúcia narra a história, a partir de acontecimentos que se desenrolam no presente: “Abro o olho: Isa, bandeja, torrada, banana, café, leite, manteiga. Fico espreguiçando. Isa quer que eu coma. Quer que eu deite cedo. Pensa que sou criança” (FONSECA, 1999, p. 19). Lúcia trabalha como garota de programa e mora com Isa, uma amiga, fraternalmente adotada (é uma espécie de irmã mais velha). Nota-se que Renê é um intermediário entre Lúcia e alguns clientes. Provavelmente, Renê é o dono de uma agência de prostituição, ou talvez um funcionário. É ele quem contrata Lúcia para um programa conjunto, com três outras moças, para atenderem a quatro distintos senhores. Neste programa, Lúcia conhece José Roberto, um senhor de trinta e seis anos, paulista, de quem ela sabe (e saberá) muito pouco:

Eu não quero saber o que ele faz. Ele diz que talvez seja espião russo (ou americano) ou trapezista de circo ou poeta ou fotógrafo ou farmacêutico. Ele pode ser isto tudo, ou outra coisa qualquer. Ele é estranho, às vezes fala no telefone em inglês, francês e creio que uma vez em alemão. Ou português, frases curtas, enigmáticas. Mas nada disso me incomoda, ele pode ser o que bem entender, o segredo me atrai ainda mais (ibid., p. 31).

Do relacionamento entre Lúcia e José Roberto nasce uma relação afetiva em que ele guarda uma certa distância, mas não Lúcia, que se envolve emocionalmente com o seu cliente, de maneira que até sofre — de saudade, de ciúme, por indecisão.

Eis um ponto importante: o afeto. Lúcia é uma garota de programa. No seu relacionamento com José Roberto, ela não se limita, ou não consegue se limitar, a um envolvimento profissional. A partir das conversas que mantêm, das cartas que ele escreve para ela, de determinadas atitudes dele, Lúcia observa algo de muito peculiar na inteligência e na sensibilidade de seu cliente, algo que lhe agrada e que lhe fascina. Logo ela está rendida aos encantos de seu dom Juan.

A questão do afeto é algo delicado nas relações sexuais que se dão no âmbito da prostituição. Em *Bordel, bordéis*, Renan Springer de Freitas (1985, p. 30) assinala as dificuldades que envolvem as demandas afetivas no programa a ser negociado:

Dentre as práticas, há as que podem ser facilmente combinadas com antecedência e há as que, ou pelo fato de não serem socialmente definidas como atribuições de uma prostituta, ou por decorrerem de acordos que demandam serviços de conteúdo muito pouco definido, não o podem. Assim, o coito, o sexo anal e o sexo oral são práticas que podem ser combinadas sem maiores constrangimentos. O mesmo, todavia, não ocorre em relação a práticas que se referem a demandas afetivas (beijos, carícias, etc.), ou em relação a práticas que se referem a serviços cuja complexidade requer a negociação *ad hoc* dos detalhes (a ‘suruba’, por exemplo).

Renan Springer de Freitas registra a fala de uma prostituta que demonstra o quanto o afeto é problemático na relação com o cliente: “tem homem que fica beijando, abraçando, carinhando, gosta que a gente fica bajulando e a gente não está aqui pra isto, né? Aí eu falo pra ele: ‘você vem na ‘zona’ caçar carinho? Vai ser difícil você encontrar’” (ibid., p. 41). Em seu livro *Mulheres da vila*, Aparecida Fonseca Moraes (1996, p. 98) também verifica que “na lógica mercantil daqueles que gerenciam as casas, as trocas devem ser comerciais, e nunca afetivas”. Nota-se, assim, que tanto as prostitutas quanto os gerentes das casas excluem das relações de comércio sexual o fator afeto. Entretanto, a autora também observa que certas compensações econômicas e a possibilidade de garantia de clientela são fatores que podem levar a aumentar o tempo de atendimento (que, sempre, deve ser o mais curto possível) e mesmo incorporar o “*status* afetivo”:

Mas outras prostitutas – e eu traçaria um perfil sucinto desse grupo, como aquelas que já têm um pouco mais de idade e tempo na *zona* – entendem que uma postura mais profissional inclui o desempenho de outros papéis que não se encerram no atendimento sexual. Para estas,

as relações mais demoradas permitem que desenvolvam, com mais eficiência, um *status* afetivo junto aos clientes, que é admitido como um componente importante no profissionalismo (ibid., p. 166).

No caso da personagem de Rubem Fonseca, é preciso esclarecer que ela não atua na “zona de baixo meretrício”; ela faz atendimentos em domicílio ou em locais pré-combinados com os clientes, informados através de Renê ou através dos próprios clientes. Lúcia poderia ser classificada como prostituta de luxo, pois seu atendimento seria “de alto nível”, porém é importante relativizar as denominações de “alta”, “média” e “baixa” prostituição, uma vez que, como mostra Aparecida Fonseca Moraes (ibid., p. 26-27), há uma considerável mobilidade das prostitutas através desses diferentes “níveis” e nem sempre as “melhores condições profissionais”, ou um maior grau de liberdade, ou os maiores ganhos são fatores garantidos na “alta prostituição”. Quanto ao fator afeto, na lógica profissional, ele é quase um disparate, sendo admissível em situações muito especiais, muito mais como uma exceção à regra. A relação do afeto com a possibilidade de crescimento econômico, na prostituição, demanda até mesmo a exclusão: “a ascensão requer uma neutralidade afetiva absoluta” (FREITAS, 1985, p. 87). Nas palavras de uma cafetina:

Tem mulher que me pergunta: ‘Você custou muito, você lutou muito para conseguir isto aqui [o bordel]?’ Aí eu falo: ‘Não, eu não custei nada. Eu não custei nada porque eu não fui de brincar, já caí na chuva para me molhar. Eu não perdia tempo com homem igual vocês perdem. Eu não saio com homem para beber e para divertir até as 2, 3 horas da madrugada igual vocês fazem, e eu nunca tive gigolô pra levar meu dinheiro...’ (ibid., p. 97).

É preciso reconhecer que nada é estanque, nada é uniforme, no âmbito da prostituição – nem em âmbito nenhum. Sabe-se que há casos de amor entre cliente e prostituta e chegam a ocorrer casamentos, concubinatos ou namoros a partir dessa relação. Geralmente, no entanto,



as relações são comerciais e não afetivas. Nesse sentido, chega a ser falta de profissionalismo a prostituta envolver-se emocionalmente com o cliente. A personagem de Rubem Fonseca erra quando admite o fator afeto em uma relação sexual de caráter mercantil, sobretudo porque o envolvimento afetivo, no caso, é unilateral (pelo menos no grau de envolvimento dela). Pode-se dizer que ela cai na armadilha do macho conquistador que investe alto em sua “atuação”, pois José Roberto (assim como muitos outros personagens de Rubem Fonseca) gosta de colecionar mulheres e fazer de seus desempenhos sexuais algo de sensacional para as “fêmeas”, algo que renda prestígio ao macho e o torne talvez inesquecível. Aliás, o orgulho masculino do desempenho sexual másculo e marcante é uma constante em Rubem Fonseca.

A política de sexualidade masculina aparece com todo o jogo de investimento e de técnica, o gosto pela acumulação de “presas”, a satisfação com o sucesso, por exemplo, no conto “O caso de F. A.”, também de *Lúcia McCartney*. E mais em: *E do meio do mundo prostituto só amores guardei ao meu charuto* (FONSECA, 1997), “A confraria dos espadas” (idem, 1998), “O corcunda e a Vênus de Botticelli” (idem, 2001), e *Vastas emoções e pensamentos imperfeitos* (idem, [19--]). São apenas alguns exemplos. Talvez a questão do investimento sexual masculino esteja presente em todos os livros de Rubem Fonseca. Há, contudo, uma unilateralidade gritante aqui. É preciso chamar a atenção para o fato de que ele também coloca em evidência uma política sexual feminina, embora sua perspectiva seja quase sempre a masculina.

Segundo Renan Springer de Freitas, nas interações entre as prostitutas e os outros atores sociais, fica sempre marcada e remarcada a precariedade moral das prostitutas, que reagem, por sua vez, estabelecendo uma relação de conflito, em que elas têm direito de se defender e também de acusar, mas sempre em busca de uma imagem social menos estigmatizada e menos depreciada. Para a sociedade pretensamente isolada da prostituição, fica uma imagem estereotipada, porém um tanto abstrata, dessas mulheres. E já que são elas que convivem com o peso concreto do estigma, a fala de uma prostituta, entrevistada pelo pesquisador em

*Bordel, bordéis*, pode dar uma noção talvez menos imprecisa da imputação social de um caráter de imoralidade às prostitutas e da maneira como elas recebem e processam a prática social de se assacar contra elas tal “condição moralmente precária”: “As famílias ignoram muito a gente: ‘ah, aquela ali é puta, eu não quero a minha filha andando com ela não’. Mas eu conheço muita puta e sei que tem muita puta que é melhor, que é mais educada do que qualquer moça da sociedade [...]” (FREITAS, 1985, p. 86).

Quanto ao valor, ao sentido e à função social da prostituição, Aparecida Fonseca Moraes (1996, p. 254), em outra ocasião, recolhe esta fala de Zita: “Eu acho que se a gente não tivesse nenhum valor, não existiria a prostituição [...]”. São palavras que chegam a ser sábias: seria muito fácil abolir a prostituição, extirpá-la da sociedade, se dependesse apenas de uma decisão moral e se não houvesse uma demanda para o comércio sexual. Seria a prostituição imprescindível? E no entanto a mácula é o sentido usual da prostituição. Mais até que certo tom de lamento pelas terríveis condições de vida e pela depreciação social, há uma condenação ofensiva não só do meio de vida como da vida toda da prostituta, embora também se possa detectar a aceitação e mesmo o entendimento da prostituição como recurso econômico. No oitavo capítulo do romance *A grande arte*, Rubem Fonseca fornece um exemplo: Camilo Fuentes demonstra sua preocupação com a injustiça de comprar córnea de uma moça que, de acordo com o que ele avalia, vai “ficar cega de um olho para um sujeito com dinheiro ficar com dois”; Miriam, sua interlocutora, pergunta: “Não é ela que quer vender?”; e quando ele responde que sim, “Forçada. Pela miséria”, Miriam interroga: “Por que não vai dar a bucinha, como todo mundo?”. Não é apenas a visão da prostituição como “a coisa mais normal” que fica inscrita na fala de Miriam. É também a ideia de prostituição generalizada, o entendimento de que “todo mundo” está prostituído.

Resultam do processo de atribuição social de sentidos infamantes à prostituição pequenas respostas que, difusas e esparsas, constituem os fragmentos de identidade das prostitutas, que tentam, apesar de muitas vezes reforçá-la, vencer a imagem negativa que a representação social de sua categoria supõe. Apesar de tudo, a voz feminina das prostitutas

ganhou campo e conquistou adeptos. Aparecida Fonseca Moraes (1996, p. 198) cita o exemplo de Gabriela Silva Leite:

Desde o início o seu discurso é lírico, apaixonado, emocional e com grande força literária. Mas também irá se caracterizar por ser profundamente questionador do padrão burguês de organização e familiar, incisivo, agressivo na defesa da categoria e valorizador da cultura e modos de vida daqueles que são identificados como os *marginalizados* e *excluídos*.

Todos os discursos proclamados e todos os movimentos políticos realizados, no entanto, além de apresentarem inúmeros problemas inerentes, representam, também, muito pouco dentro do imenso universo da prostituição. O surgimento de sindicatos da categoria parece sinalizar para uma certa organização política, entretanto as vozes das meninas da noite parecem permanecer na penumbra dos guetos e das esquinas, naquela zona morta, vivaz, que a moralidade faz questão de isolar. Mas é claro que é inútil tentar fazê-lo, uma vez que não se exclui aquilo que é constitutivo. Contudo, note-se, há uma segmentação na oposição sociedade X prostituta, há uma sutil (ou grosseira) malícia na segregação que supõe a sociedade como algo equilibrado, justo e bem ordenado, de um lado, e, de outro, a prostituta como um problema ameaçador: a prostituição é um fenômeno social e as prostitutas são parte integrante do complexo a que se costuma chamar sociedade. A prostituição nada mais é que um elemento intrínseco de uma sociedade que tudo capitaliza e nada deixa de considerar do ponto de vista financeiro. Numa sociedade onde tudo está à venda, onde tudo é comprado, onde tudo tem valor de troca e se reduz a mercadoria, como poderia a sexualidade escapar desse processo de monetarização? Nem a sexualidade, nem qualquer dignidade, nem qualquer sentimento poderiam ficar isentos dos registros financeiros da sociedade econômica. E como tudo é produção, comércio e consumo, ninguém pode deixar de vender sua alma, ninguém pode deixar de vender-se. Incidência do domínio mercantil sobre o objeto “corpo”, sobre a essência “alma”, é o que registra uma canção de Zeca Baleiro (2000):

[...] não tenho dinheiro pra pagar a minha ioga  
não tenho dinheiro pra bancar a minha droga  
eu não tenho renda pra descolar a merenda  
cansei de ser duro vou botar minh'alma à venda  
eu não tenho grana pra sair com o meu broto  
eu não compro roupa por isso que eu ando roto  
nada vem de graça nem o pão nem a cachaça  
quero ser o caçador ando cansado de ser caça.

Do processo de segmentação que separa, de um lado, a sociedade (uma suposta organização política que buscaria o bem comum) e, de outro, a prostituta (um suposto corruptor social degradado e degradante) resulta um infinito e emaranhado conjunto de preconceitos e de sentenças de condenação, comuns e imediatos. Assim, pode-se verificar a oposição inconciliável entre a “prostituta” e as categorias sociais “espósa” e “mãe de família”. A prostituta não teria competência moral para se casar nem para ter filhos; além disso, sua simples presença – ou, em tom mais eloquente, sua própria existência – já seria algo vergonhoso, que deveria ser escondido das famílias socialmente aceitáveis. Mas vai longe o tempo em que as famílias socialmente bem estabelecidas estavam longe da prostituição: a exigência material já lançou nessa zona incerta as mocinhas de classe média alta e até mais. Mais precisamente, nunca houve, de fato, essa isenção. Na sua *História*, Heródoto ([19--]) dispõe uma boa variação sobre o tema do corpo erótico vendido como mercadoria nos tempos adjacentes às guerras greco-pérsicas; inclusive um rei, levado por motivos personalíssimos, prostitui sua princesa. Ainda hoje, há uma associação muito fácil entre pobreza e prostituição, porém a prostituição também garante uma vida material confortável a meninas da *high society*. Modelos, atrizes e beldades de outras estirpes, quando posam nuas, chamam de “arte” os seus ensaios (realmente belos), não nomeiam nunca como prostituição o comércio de seus corpos, mesmo que esteja circunscrito ao universo do filme pornô. A Lúcia McCartney de Rubem Fonseca não faz parte do estereótipo

“garota pobre que caiu na vida”, embora, claro, ela tenha também os seus “motivos financeiros”.

Se há uma idéia moral de separação radical entre a prostituta e a mulher “correta”, “Umas e outras”, de Chico Buarque (1993a), por outro lado, iguala sob a mesma melancolia existencial a puta e a santa (ou carola):

Se uma nunca tem sorriso  
É pra melhor se reservar  
E diz que espera o paraíso  
E a hora de desabafar  
A vida é feita de um rosário  
Que custa tanto a se acabar  
Por isso às vezes ela pára  
E senta um pouco pra chorar  
Que dia! Nossa, pra que tanta conta  
Já perdi a conta de tanto rezar

Se a outra não tem paraíso  
Não dá muita importância, não  
Pois já forjou o seu sorriso  
E fez do mesmo profissão  
A vida é sempre aquela dança  
Aonde não se escolhe o par  
Por isso às vezes ela cansa  
E senta um pouco pra chorar  
Que dia! Puxa, que vida danada  
Tem tanta calçada pra se caminhar  
Mas toda santa madrugada  
Quando uma já sonhou com Deus  
E a outra, triste namorada  
Coitada, já deitou com os seus  
O acaso faz com que essas duas  
Que a sorte sempre separou

Se cruzem pela mesma rua  
Olhando-se com a mesma dor  
Que dia! Cruzes, que vida comprida  
Pra que tanta vida pra gente desanimar.

Apesar do nivelamento de Chico Buarque entre puta e santa, é bem nítida a linha de orientação religiosa da civilização ocidental que abençoa o casamento e condena a prostituição. Em *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*, Engels desenvolve uma discussão sobre a relação entre a família monogâmica e a prostituição. Referindo-se tanto ao casamento católico como ao protestante, ele observa que

[...] em ambos os casos, o matrimônio baseia-se na posição social dos contraentes e, portanto, é sempre um matrimônio de conveniência. Também nos dois casos, esse matrimônio de conveniência se converte, com freqüência, na mais vil das prostituições, às vezes por parte de ambos os cônjuges, porém, muito mais habitualmente, por parte da mulher; esta só se diferencia da cortesã habitual pelo fato de que não aluga o seu corpo por hora, como uma assalariada, e sim que o vende de uma vez, para sempre, como uma escrava (ENGELS, 2000, p. 77).

Evidentemente, muita coisa mudou do século XIX, quando Engels publicou o seu livro, até hoje, quando já se aprendeu a lidar melhor com muitas inconveniências do casamento e mesmo assimilá-las e resolvê-las, em termos jurídico-econômicos e pragmáticos. Mas como o casamento monogâmico permanece (ainda), as palavras de Engels são (ainda) bastante atuais. Talvez o sejam por muito tempo, até porque, mesmo uma vez superada a instituição “casamento”, dificilmente deixaria de haver a regulação, o controle e a exploração político-econômica da sexualidade. Mesmo no amor livre, as relações sexuais não escapam ao fator econômico. Evitar o casamento pode até livrar da prostituição conjugal, mas dinheiro e poder não são preponderantes na liberdade sexual? E esta não é, também, uma tendência da democracia liberal, mas que, claro, pode ser percebida antes dela?

Pode-se observar que nem o casamento, nem qualquer outra forma de domesticação sexual, nenhuma medida civilizadora, enfim, uniformizou, realmente, a sexualidade humana. Ela continua múltipla; e a prostituição não é a única forma de diferença. Pode-se verificar uma certa orientação sexual “correta”, mas vê-se também que a liberdade de mercado já começa a relaxar uma certa ortopedia sexual e talvez a transforme completamente. Aliás, já a transformou e continua transformando: são, mais uma vez, efeitos do liberalismo sexual democrático.

Assim, seguindo a linha de raciocínio de Engels, não é tão antitética como parece ser a oposição entre a prostituição e determinados padrões sociais estabelecidos (sejam estes de caráter político, econômico, religioso ou moral).

Em um “DIÁLOGO (*inventado, depois de um sonho*)”, José Roberto pergunta por que Lúcia: a) faz programa; b) é prostituta; c) vai para a cama com os homens. As respostas dela são as seguintes: a) ganho pouco (no escritório, na loja, na TV); b) me perdi; c) gosto; d) perdi meu emprego; e) tenho um filhinho para sustentar; f) estou esperando uma nomeação. Desnecessário chamar a atenção para o tom de brincadeira de Lúcia, que se diverte com os clichês sobre os motivos que levam à prostituição. Mas acima, ou em torno, dos gracejos de Lúcia estão muitos problemas sociais e econômicos que, efetivamente, são fatores determinantes quando uma pessoa decide enfim usar a própria sexualidade como meio de ganhar dinheiro. “Do que ficar ganhando um salário magro e micho, é melhor fazer uns programas barras-limpas”, poderia pensar Lúcia: eis uma justificativa muito comum. E se um subemprego (ou um emprego sem categoria) pode ser um motivo forte, quanto mais o desemprego... Entre os motivos enumerados por Lúcia consta também o gosto pelo ofício, algo que não é impossível de se encontrar. E, no entanto, as condições de trabalho na zona de batalha são difíceis e ameaçadoras. Em *La maladie de la mort*<sup>4</sup>, Marguerite Duras (1984, p. 21) apresenta uma situação em que, após o contrato, a violência contra a prostituta fica iminente, sendo que o próprio assassinato não está fora de cogitação: “*Le corps est sans défense aucune, il est lisse depuis le visage jusqu’aux pieds.*”

---

4 Tradução: *A doença da morte*.

*Il appelle l'étranglement, le viol, les mauvais traitements, les insultes, les cris de haine, le déchaînement des passions entières, mortelles*<sup>5</sup>.

No processo de negociação das atribuições das trabalhadoras do sexo e das modalidades eróticas possíveis na relação sexual contratada, muitas vezes as relações humanas e as demandas sexuais são suficientemente dotadas de civilidade, de respeito e de entendimento. Mas muitas vezes o álcool, as drogas, as cargas e descargas emocionais levam à violência e ao perigo. Entretanto o perigo não desencoraja. A carência dos homens (e das mulheres) está sempre alimentando uma necessidade que não tem remédio e então homens e mulheres negociam a satisfação desse impulso imperativo que brota à flor da pele, que não tem vergonha nem nunca terá<sup>6</sup>. Se o estabelecimento das regras do jogo do amor se dá sem maiores constrangimentos e se as garotas, num bom programa, sabem dar ao processo de satisfação um conjunto sofisticado de gestos, movimentos e técnicas, então elas são as melhores, pelo menos de acordo com as notas de “Cambaio”: “Vejo fulana a festejar na revista / Vejo beltrana a bordejar no pedaço / Divinais garotas / Belas donzelas no salão de beleza / Altas gazelas nos jardins do palácio / Eu sou mais as putas” (BUARQUE e LOBO, 2001).

No desenredo desse afeto selvagem – parece –, haverá sempre uma fração que nunca será totalmente domesticada pela civilização, pela moral ou pela razão. Uma fração de carência animalesca e incontrolável que Chico Buarque já cantou: não tem governo nem nunca terá.

No caso de José Roberto, personagem do conto “Lúcia McCartney”, ele não só gosta de acumular experiências sexuais como vive cada experiência de maneira quase mística. José Roberto contrata as suas coelhinhas transcendentais e desfruta, no âmbito da sexualidade, de

---

5 A edição é bilíngüe: “O corpo é sem defesa alguma, é liso desde o rosto até os pés. Ele chama o estrangulamento, a violação, os maus-tratos, os insultos, os gritos de ódio, a descarga de paixões inteiras, mortais” (ibid., p. 22).

6 Aqui, o leitor pode acionar “O que será (à flor da terra)”, “O que será (à flor da pele)” e “Flor da idade”, de Chico Buarque, como os próximos números musicais do cabaré que se vai, aqui, montando. As músicas podem ser encontradas, respectivamente, em: *Meus caros amigos*, *Songbook 2* e *Chico Buarque e Maria Bethânia ao vivo*.



uma espécie de dimensão superior. É o que se pode notar em uma de suas cartas a Lúcia: “Eu estava sozinho, e não queria, como sempre quis, uma mulher perto de mim, para fruÍ-la física e espiritualmente [...]”. Mas sua política de convivência não se resolve facilmente. E – cada um com suas próprias questões e com seu próprio inferno –, após o cumprimento do contrato, é muito bom, para ele, que não haja compromisso entre o par e também que a sinceridade da ruptura ou do abandono seja assumida: “[...] e depois mandá-la embora, e essa é a melhor parte, mandar a mulher depois embora e ficar só, pensando e pensando” (FONSECA, 1999, p. 27).

José Roberto é um senhor poderoso, rico, cujo papel social fica sob suspeita, pois tanto ele pode ser um *yuppie* como um magnata do mundo do crime, um mafioso, um golpista sofisticado, um espião (russo ou americano – é o tempo da Guerra Fria). Ele compra os paraísos artificiais oferecidos pelas garotas de programa, mas há uma postura estranhamente ética (numa certa perspectiva) nas suas atitudes, como se pode verificar em um diálogo entre Lúcia e Renê:

— Nunca vi o José Roberto. Ele telefona e diz: me manda uma garota, você sabe como eu gosto.

— Como é que ele gosta?

— Inteligente, bonita e depravada.

— Eu não sou depravada.

— Se for muito inteligente não precisa ser muito depravada, diz ele.

— Eu gamei.

(*Renê dá uma gargalhada.*)

— Que tipo de pessoa ele é?

— Não sei. Outro dia mandei um cabacinho pra ele. A garota estuda. Eles já estavam na cama quando ele descobriu que a garota estava matando aula. Ele ficou uma fera. Deu uma lição de moral na guria, fez ela se vestir, e prometer que não matava mais aula, e mandou-a para o colégio. E pagou dobrado, sem sequer tocar nela. O cara é muito esquisito (ibid., p. 26).

Nas relações entre José Roberto e as garotas que ele contrata há sempre sinceridade, respeito, honestidade. Ele se interessa muito por elas e lhes dedica uma atenção especial. Claro que seus atributos são também elementos de galanteios de conquistador, mas ele não parece em nenhum momento querer enganar as mulheres. Principalmente, as relações são intensas, mas inevitavelmente frágeis.

José Roberto, com todo o dinheiro que tem, com o poder que tem de contratar suas gatinhas metafísicas e carnaís; José Roberto, que mercantiliza, portanto, a relação sexual e o afeto, não deixa de estar, ele próprio, dentro de um sistema financeiro que o mastiga e o absorve. Ele, que compra a inteligência e a depravação das gurias, não deixa de estar, ele, José Roberto, ele mesmo ou o que restou de si próprio (para lançar um eco pessoano<sup>7</sup>), devidamente orçado e comprado. É com o dinheiro que ganha em seu trabalho escuso que ele contrata os serviços daquelas que lhe propiciam relações naturais transcendentais. O dinheiro já comprou o misterioso galante.

Mas a relação sexual, qualquer que seja, está sempre inserida num contexto econômico. As mulheres, de Atenas ou de Amsterdã, da compra, da venda, da troca das pernas ou do exemplo de obediência ao marido e ao Estado (da brasa dos brutos nas coxas, em muitos casos) estão sempre contratadas – como todos os homens, evidentemente –, no comércio geral de nosso mundo econômico<sup>8</sup>.

No *Manifesto comunista*, Karl Marx e Friedrich Engels falam em “prostituição social”; em *A gaia ciência*, Friedrich Nietzsche usa a expressão “prostituição do espírito”; para atacar uma explícita relação entre arte e capital, Suely Rolnik (2003) assinala a “cafetinagem da criação” artística. Tais imagens podem ser vistas, num primeiro momento, apenas como metáforas; no entanto, se são mais desbravados os espaços dos jogos de relação, o que se nota é que não se trata apenas de um tropo. É

---

7 O eco do eco de Fernando Pessoa (1998, p. 384-385): “Sim, sou eu, eu mesmo, tal qual resultei de tudo”.

8 As próximas faixas da trilha sonora de ‘Zona de batalha’ são ‘Mulheres de Atenas’ (*Meus caros amigos*) e ‘Ana de Amsterdã’ (*A arte de Chico Buarque*).

um dominicano e não um “revoltado” que faz a seguinte formulação:

*En un sentido más amplio, la prostitución se toma también como sinónimo de alineación o de corrupción moral, como adulteración de valores genuinamente humanos. Así, dícese que una persona se prostituye cuando sacrifica su propia dignidad en aras de intereses envilecedores trastocando en su manera de apreciar las cosas el sentido verdadero de las mismas. Toda acción social asalariada es en cierto modo una forma de prostituirnos ante un patrón, una empresa, el público en general y ante el propio Estado, en la medida que ponemos precio a nuestra dignidad humana* (BLÁZQUEZ, 2000, p. 18-19)<sup>9</sup>.

A partir do processo de pan-monetarização (quando a moeda já se tornou abstrata e virtual), é inevitável pensar-se em um processo de pan-prostituição. Os corpos fazendo as cenas nos filmes pornô, as modelos em poses provocantes em revistas masculinas (e femininas), fotos, vídeos, sites... Há toda uma indústria assumida, oficial, para a produção e o consumo da sensualidade e da sexualidade. Mas aqui, neste campo, as coisas são óbvias demais. Há maneiras muito mais sutis de prostituir e de prostituir-se.

Há um momento, no “DIÁLOGO (*inventado, depois de um sonho*)”, em que Lúcia diz que não tem vergonha de ser prostituta. Para ela, seu trabalho não é pior do que: a) o de uma lavadeira que lava cuecas; b) o de uma massagista; c) o de uma arrumadeira que limpa banheiros; d) o de uma dentista; e) o de uma ginecologista. É notável o senso de humor da moça. Mas não é a idéia do “pior trabalho” (qual seria?) que deve ser pensada e desenvolvida aqui, embora, evidentemente, ela esteja presente (pelo menos em metáfora ou metonímia) nessa lista de serviços

---

9 Tradução: “Em um sentido mais amplo, a prostituição se torna também sinônimo de *alienação* ou de *corrupção moral*, como adulteração de valores genuinamente humanos. Assim, diz-se que uma pessoa se prostitui quando sacrifica sua própria dignidade em áreas de interesses envilecedores, transformando em sua maneira de apreciar as coisas o seu sentido verdadeiro. Toda ação social assalariada é, em certo sentido, uma forma de prostituirmo-nos ante um patrão, uma empresa, o público em geral e ante o próprio Estado, na medida em que colocamos preço em nossa dignidade humana”.

remunerados. Também não é a idéia da relação direta ou indireta de cada ofício com a sexualidade que pode definir a elaboração crítica de Lúcia (embora isto seja evidente e mereça atenção especial). Observe-se que sua formulação espirituosa nivela e iguala todo trabalho, como algo que, no final das contas, é econômico da mesma maneira, pois as pessoas são reduzidas a uma função remunerada, dentro de um mundo absolutamente estranho e “empresarial”, dentro de um sistema de sistemas em que tudo se cria e se perde e se compra e se transforma.

Em um diálogo – melodramático, melancólico, melindroso – entre Isa e Lúcia, José Roberto, ausente, deixa para Lúcia uma frase enigmática:

— José Roberto esteve aqui.

— A que horas?

— De tarde.

— De tarde? Mas ele sabia que hoje eu tinha a primeira aula do curso de inglês.

— Ele vai embora, Lúcia. Veio deixar um cheque para você. Disse que vai ficar anos e anos fora.

— Anos e anos? Ele disse isso?

— Disse que talvez nem voltasse. Ele disse, eu não sou dono de mim, nem de ninguém, diga isso a ela.

— O que significa essa frase?

— Não sei.

— Ele estava triste?

— Não sei. A cara dele não dizia nada.

— Não acredito, não acredito. Ele me ama.

— Fala devagar! Não estou te entendendo (FONSECA, 1999, p. 37).

No gigantesco sistema de sistemas, no gigantesco campo de campos de batalha, há muitas normas e muitas leis. Todas elas exigem não só cumprimentos como também uma assimilação orgânica, uma incorporação incondicional, uma obediência cega. Quando José Roberto, à maneira de uma esfinge, emite suas palavras para Lúcia, por intermédio de Isa,

ele sinaliza para uma situação (uma condição?) complexa e dolorosa em que as pessoas estão todas contratadas. E aqui o contrato financeiro ganha uma dimensão fantástica, pois mesmo aqueles que não têm nem emprego, nem trabalho, nem salário – mesmo aqueles que não recebem pagamento em dinheiro – estão devidamente comprometidos com a construção de nosso mundo de dividendos e são, finalmente, “capital humano” (mesmo que fracassado).

Uma carga extraordinária, ou melhor, ordinária, de preconceitos, maldições e estigmas recai sobre as prostitutas. Mas a moralidade sentenciosa, robusta e rotunda, que rotula as “mulheres da vida”<sup>10</sup> com os piores qualificativos, não se detém na política sexual humana, não observa a proximidade da sexualidade doméstica e privada com a sexualidade exercida nas zonas de prostituição, não considera a sexualidade ocidental ou mesmo a sexualidade civilizada em seus vínculos mais imediatos com o dinheiro.

O sentido básico da prostituição é negativo e a lança no território do maldito, todavia são sentidos plurais que emanam de suas zonas de batalha, sejam estas zonas licenciosas consideradas baixas ou de alta classe. Há também um sentido amplo que vê no casamento, no uso comercial do corpo e nas formas gerais de emprego assalariado uma pan-prostituição. Tal pluralidade de sentidos apresenta muitas gradações: uma riqueza equivalente ao leque de valores humanos deste mundo moral e econômico.

## REFERÊNCIAS

BALEIRO, Zeca. *Líricas*. [s.l.]: MZA/Universal Music, 2000. 1 CD.

\_\_\_\_\_. *Petsbopmundocão*. [s.l.]: MZA/Abril Music, 2002. 1 CD.

BLÁZQUEZ, Niceto. *La prostitución: el amor humano en clave comercial*. Madrid: San Pablo, 2000.

BUARQUE, Chico. *Chico Buarque & Maria Bethânia ao vivo*. [s.l.]: Philips; Polygram, 1993a. 1 CD.

---

<sup>10</sup> Note-se que a expressão é poética e abrangente: *mulheres da vida*: tudo o que a vida promete de feminino e que pode caber como idílio – um de tantos sentidos.

- \_\_\_\_\_. *Meus caros amigos*. [s.l.]: Philips; Polygram, 1993b. 1 CD.
- \_\_\_\_\_. *Não vai passar volume 4*. [s.l.]: RGE, 1993c. 1 CD.
- \_\_\_\_\_. *Songbook 2*. Idealizado e produzido por Almir Chediak. [s.l.]: Lumiar discos, ([199-]). 1 CD.
- \_\_\_\_\_.; LOBO, Edu. *Cambaio* [s.l.]: BMG, 2001. 1 CD.
- \_\_\_\_\_. *A arte de Chico Buarque*. [s.l.]: Universal Music, 2004. 1 CD.
- CATTANI, Antônio David (Org.). *Dicionário crítico sobre trabalho e tecnologia*. 4. ed. revista e ampliada. Petrópolis/Porto Alegre: Vozes/EdUFRGS, 2002.
- DURAS, Marguerite. *La maladie de la mort*. Rio de Janeiro: Taurus, 1984. (Edição bilíngüe.)
- ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- FONSECA, Rubem. *A grande arte*. 4. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Vastas emoções e pensamentos imperfeitos*. São Paulo: Círculo do Livro, ([19--]).
- \_\_\_\_\_. *E do meio do mundo prostituto só amores guardei ao meu charuto*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- \_\_\_\_\_. *A confraria dos espadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Lúcia McCartney*. 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Secreções, excreções e desatinos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- FREITAS, Renan Springer de. *Bordel, bordéis: negociando identidades*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- HERÓDOTO. *História*. Estudo crítico de Vítor de Azevedo. Rio de Janeiro: Ediouro, ([19--]).
- HESÍODO. *Os trabalhos e os dias*. São Paulo: Iluminuras, 1991.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto comunista*. São Paulo: Boitempo, 1998.
- MORAES, Aparecida Fonseca. *Mulheres da vila: prostituição, identidade social e movimento associativo*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998.
- ROLNIK, Suely. O ocaso da vítima. Para além da cafetinagem da criação e de sua separação da resistência. *Revista de Cultura Vozes*, Petrópolis: Vozes, v. 97, n. 1, p. 60-69, 2003.